

## Índice

Parte I — A Noiva	9
Parte II — A Dama de Honor	65
Parte III — O Padrinho de Casamento	95
Parte IV — O Noivo	125
Parte V — A Convidada	179
Parte VI — O Dia do Casamento	193
Agradecimentos	247
Notas de Tradução	249

PARTE I

A Noiva



Eis como eles ficaram noivos.

Foram a uma festa, em Dublin, e no final vieram para casa a pé, por ruelas empedradas. Celine tinha vinte e seis anos e Luke vinte e oito. Ele era alto e magro, tinha cabelos escuros e usava uma camisa azul-clara, que trazia meio por fora das calças. Ela era feia e elegante: rosto quadrado, sandálias pretas rasas. Embora a noite estivesse quente, usava luvas.

Ambos eram pessoas que falavam depressa, mas o tom dele era constante, enquanto o dela era mais vigoroso. Discutiam sobre dois dos convidados na festa, que haviam posto fim à sua relação.

«Acho que não trocaram uma palavra durante toda a noite», disse Celine.

«Sinceramente, já deviam ter acabado há mais tempo», respondeu Luke.

«Porquê?»

«Bom, as separações são sempre uma chatice. Mas custam muito menos se acontecerem enquanto as pessoas ainda gostam uma da outra.»

Viraram à esquerda, para uma rua de casas com jardins dianteiros. Celine rodou a chave na porta da frente, de madeira pintada de vermelho, e subiram ambos as frágeis escadas comuns. O seu apartamento de duas divisões ficava no número 23, uma moradia georgiana subdividida. A caldeira estava sempre a avariar, a principal conveniência da rua era o homem que vendia erva no seu *Nissan*, e a renda era de dois mil euros por mês.

Quando se tinham mudado para ali, no ano anterior, o senhorio avisara-os, «Isto não é o Ritz.» Celine não tinha grande dificuldade em recordar tal facto. À entrada tinham um tapete de fibra de coco e uma sapateira de metal: ali o lixo ficava à porta, ao passo que no Ritz podia circular por toda a parte, desde que se pagasse. O quarto e a casa de banho eram simples e acanhados, e infelizmente não eram o Ritz. A sala de estar continha o piano de Celine e uma minicozinha em tons de verde e amarelo. Não havia onde pôr uma mesa. Aquilo não era, note-se, o Ritz; portanto, comiam sentados no sofá.

Diante do lavatório da casa de banho, Celine tirou as luvas pretas de couro e pôs creme nas mãos. Ela era pianista profissional, e só hidratava a pele à noite, para não besuntar as teclas.

Depois limpou as mãos com um lenço de papel e foi ter com Luke à cama. Ao contactar com o corpo dele, soltou um Oh, como se fosse uma surpresa encontrá-lo ali deitado.

Retomou o assunto anterior.

«Ninguém termina uma relação enquanto ainda gosta da outra pessoa», observou. «Uma pessoa pensa, bom, as coisas vão mal, mas em breve irão melhorar. Depois elas continuam mal, até que tudo acaba.»

«Há que decidir com antecedência», disse Luke. «Qual é a pior coisa que o outro poderia fazer sem que deixássemos completamente de gostar dele. Definir um limite, e, se o outro o ultrapassasse, então ias embora. Ou então podia-se usar... conheces aqueles formulários de avaliação?»

«Assinale 10 se adora o novo micro-ondas, ou assinale 0 se não gosta e quer mais é que ele se dane.»

«Pois.»

«Não tenho a certeza se isso funciona para avaliar o teu grau de felicidade.»

«Talvez não», disse Luke.

Celine reteve a pergunta: Mas tu, estás feliz?

Por norma, eles não «partilhavam sentimentos». A família de Celine nunca a ensinara a fazer isso. Ver na tonalidade do teu anel de humor interno algo que exige ser revelado, e esperar uma audiência extasiada — não, isso não. Já conheceram algum irlandês? Mas Luke e Celine estavam juntos há três anos, e ela avaliava a sua relação pe-

la desordem. Os livros de Luke, muito maltratados, acumulavam-se nos peitoris das janelas; ele entrara com um moinho de café e meia gata; a outra metade era dela, e como o ativo seria difícil de dividir, esperava-se que a relação estivesse para durar.

Celine desligou o candeeiro da mesinha de cabeceira. «Então, qual é o teu limite? Em teoria.»

«Bom, soa a coisa antiquada.» Luke fez uma pausa, como se esperasse que ela lhe arrancasse o resto da frase. «Mas se eu achasse que nunca nos iríamos casar. Ou um compromisso desse tipo. Se soubesse que isso nunca iria acontecer, então — sim. Em teoria.»

«Quando dizes que não iria acontecer, a decisão seria de quem?»

«Eu não disse isso.»

«Se fores leitor de pensamentos, sabes que isso vai criar mais problemas do que soluções.»

«Eu não disse que não ia...» Luke hesitou. «Bom, mas não vai. Nós os dois nunca nos vamos casar. E isso não é necessariamente um problema. Seria uma tolice parar quando está tudo a correr bem. Mas não vamos acabar juntos.»

Uma pausa, pela qual Celine se sentiu responsável. A gata miou no quarto ao lado.

Por fim, ela disse, «Se pensas realmente isso, devíamos acabar agora mesmo.»

Luke não disse nada.

Celine acrescentou, «De acordo com os teus próprios critérios.»

Silêncio.

«Mas», continuou ela, «tu às vezes dizes coisas só para que eu te contradiga. E não há problema em não o fazeres e queres que concorde contigo.»

Luke continuou em silêncio.

«Diz-me o que devo dizer», disse ela.

«Diz o que quiseres.»

«Algum de nós tem de fazê-lo, suponho. Tipo... eu penso muitas vezes naquilo de teres dito que não estavas interessado numa relação. E eu respondi que iria gostar de ter uma, no futuro, mas não com um tipo que acabei de conhecer, e portanto estamos bem, por agora. Depois, mais tarde, eu disse-te que, se continuavas a não querer nada de sério, devíamos separar-nos. E tu disseste que tinhas mudado de

ideias. Às vezes acho que sempre quiseste ficar comigo. Só que não podias simplesmente admiti-lo enquanto eu não o fizesse.»

Outra pausa.

«Se eu preciso de dizer as coisas em voz alta antes de tu as dizeres sequer para ti próprio», disse Celine, «então essa não é a tua qualidade que aprecio mais. Não é um aspeto que eu levasse para uma ilha deserta se só pudesse levar três. Mas, ainda assim, seria difícil para mim escolher. Na verdade, ia parecer-me impossível escolher apenas três coisas. Provavelmente amo tudo em ti. E acho que, para mim, isso significa que quero ficar contigo para sempre.»

Então, Luke pediu-a em casamento.

Toda a gente queria que o casamento fosse em Dublin, mas a tia Maggy preferia Londres, e portanto seria em Londres.

Celine era de Dublin e nunca morara em mais nenhum sítio. Luke fora criado em Londres, mas os seus pais eram irlandeses e ele voltara para o seu país havia três anos.

Dublin parecia a escolha óbvia.

Celine escreveu «DUBLIN» no seu caderninho preto.

Mas acabaram por marcar a cerimónia para Londres.

\* \* \*

«Usas a festa de noivado para triar a lista de convidados», disse, de Londres, a tia Maggy a Celine, pelo seu telefone fixo. «Diz-me se vai haver confusão. Estou a limpar o pó às aves.» As aves eram os cisnes de cristal *Waterford* da coleção de Maggy, entre os quais figurava uma ou outra anomalia: falcão, águia, pombo. O tio Grellan cometera uma vez o erro de lhe oferecer um pardal de cristal *Tipperary*. Maggy até poderia aceitar a espécie, mas tinha de ser *Waterford*. Dar dinheiro à *Tipperary*? Foda-se.

Maggy casara com o tio Grellan de Celine quando eram jovens imigrantes irlandeses em Londres, na década de oitenta. Não tinham filhos, e portanto Maggy estava sempre a chatear as duas sobrinhas. Tendo formulado uma observação, ela não conseguia impedir-se de a transmitir, e nunca encontrara assunto no qual não se pudesse intrometer.

É verdade que não era ela quem se ia casar. Mas dispunha de recursos.

Graças ao sucesso da sua empresa de canalização, o tio Grellan e a tia Maggy tinham comprado um casarão na zona norte de Londres. Enquanto isso, a área do apartamento de Luke e Celine em Dublin tinha uns luxuosos 80 % do mínimo legal.

A jogada de abertura de Maggy, «Fazemos a festa de noivado em minha casa.»

Era justo. Era ela quem tinha o testamento; quem tinha o espaço.

Foi assim que Maggy conseguiu o dedo. Depois veio o braço todo.

«Pergunto-me se a tua mãe alguma vez te instruiu a respeito de festas de noivado», continuou Maggy ao telefone. «Mas ela andava sempre ocupada. A ser médica e a divorciar-se do teu pai. Bom, menina, é assim: vê quem aparece na festa de noivado, e já ficas a saber quem virá ao casamento.»

«Entendido», disse Celine. Era violentamente alérgica a duas coisas: logística e comunicações.

«Só que...» disse Maggy. «Não importa. Uma pena, mas é assim.»

Foi aí que Celine sentiu pela primeira vez que estava a ser levada. Não sabia como ou em relação a quê, mas a tia tinha um tom de voz especial para os momentos em que achava estar a manipular de forma magistral.

«Se a festa de noivado for num país diferente da do casamento», disse Maggy, «então não há forma de saber quem é que virá. E o casamento é só daqui a um ano. Sabe-se lá onde estaremos nessa altura. Maiorca, talvez, ou no condado de Meath. Mas ouve, há formas de prever. Se a festa for em Londres, em junho deste ano, e o casamento em Londres, em junho do próximo ano...»

Não se podia interromper os esforços de persuasão da tia Maggy. Ela iria sentir-se espoliada, ou mesmo traída.

\* \* \*

Quando Luke chegou a casa nessa noite, Celine disse-lhe, «Fiz uma coisa horrível.»

«Para dizer a verdade, eu também», disse Luke.